



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



A Perda dos Cinemas de Rua a partir da Direção de Fotografia no Documentário *A Morte do Cinema* (2016)¹

Amanda Macêdo de Moraes Guirra²
Julianna Nascimento Torezani³
Universidade Estadual de Santa Cruz

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar o tema tratado em *A Morte do Cinema* (2016) em relação a sua cinematografia e como a mesma pode envolver os(as) espectadores(as). Utilizamos como metodologia a pesquisa documental (Moreira, 2015) e a análise da imagem (Coutinho, 2015), sendo os conceitos importantes para esta pesquisa a linguagem e realização cinematográfica (Bordwell e Thompson, 2013; Scansani, 2022; Carreiro, 2021), e, documentário (Nichols, 2016). Ao final da análise percebemos que a direção de fotografia do documentário potencializa a metáfora da morte e do luto trazida para falar sobre a perda dos cinemas de rua pela população.

PALAVRAS-CHAVE: Análise da Imagem; Cinema de Rua; Direção de Fotografia; Documentário

Cada cineasta, junto a sua equipe, vai trabalhar para que os elementos cinematográficos utilizados em sua produção condizam com o seu propósito e a sua mensagem. A direção de fotografia, sendo um destes elementos, diz respeito aos componentes que formam a imagem e a estética do filme, como por exemplo, a iluminação, o tipo de objetiva/lente, o enquadramento, os movimentos de câmera etc, os quais também contribuem para a sua carga emocional, se refletindo na fruição de cada espectador(a) e na forma com a qual o(a) mesmo(a) compreende a mensagem que está sendo passada.

De acordo com Nichols (2016), o documentário é uma diferente forma de cinema, mas não totalmente, sendo a representação de uma determinada visão do nosso mundo a partir de sons e imagens. Segundo o autor, tudo o que iremos ouvir e ver em um documentário não representará apenas o mundo

¹ Trabalho apresentado no GT “Fotografia Contemporânea”.

² Pós-Graduanda do Curso de Especialização em Gestão Cultural e Bacharela em Comunicação Social – Rádio e TV pela UESC, e-mail: ammguirra@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação pela UFPE. Mestra em Cultura e Turismo e Bacharela em Comunicação Social pela UESC. Professora do Curso de Rádio, Televisão e Internet da UESC, e-mail: jntorezani@uesc.br



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



histórico, mas também o jeito com o qual o(a) documentarista quer falar sobre este mundo. Enquanto isso, Scansani (2020) nos indica que a realização cinematográfica vai se concretizando conforme as ideias, os esboços e os ensaios são convertidos em imagens e sons, sendo a experiência de encontro do(a) espectador(a) com essa imagem única e corporal, proporcionada pelos seus atributos físicos (cor, movimento, textura etc).

Bordwell e Thompson (2013) apontam que o(a) cineasta controla as qualidades cinematográficas do plano, ou seja, como este plano é filmado, correspondendo a três áreas de escolha: os aspectos fotográficos do plano, o enquadramento e a duração do plano. Já Carreiro (2021) vai nos dizer que, em resumo, a fotografia envolve luz, enquadramento e composição, de forma que, muitas vezes, antes das filmagens, direção e fotógrafo(a) buscam construir um conceito dentro da fotografia com o propósito de contar a história da melhor forma possível, expressando sensações e elaborando a atmosfera mediante as ferramentas dentro da direção de fotografia, como a posição da câmera, luz, enquadramentos etc.

Visto isso, selecionamos como objeto de investigação deste trabalho o documentário *A Morte do Cinema* (2016)⁴, com o objetivo de investigar o tema tratado no mesmo em relação a sua cinematografia e como este aspecto pode envolver os(as) espectadores(as). O documentário é dirigido por Evandro de Freitas com direção de fotografia por Artur Dias, e traz como tema o abandono sofrido pelos locais os quais antes funcionavam cinemas de rua, dando destaque para o Cine Theatro Cachoeirano, localizado em Cachoeira, na Bahia, utilizando como metáfora a morte e o luto.

A metodologia utilizada neste trabalho parte da pesquisa documental e da análise da imagem. De acordo com Moreira (2015), informações incluídas em registros de áudios, vídeos e filmes também são consideradas referências para pesquisa documental, que envolve a identificação, a verificação e a

⁴ Disponível em: <https://vimeo.com/150620739>



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



apreciação de documentos para determinado fim e funciona de forma eficiente para contextualizar fatos, situações e momentos, conseguindo também introduzir novos pontos de vista em outros ambientes, sem deixar de respeitar o conteúdo original dos documentos. Já se tratando da análise da imagem, Coutinho (2015) indica que o seu ponto principal se baseia na capacidade das imagens de comunicarem uma mensagem, sendo também os meios de comunicação documentos históricos dos diferentes modos de enxergar e apresentar o mundo em determinados contextos.

Ainda segundo Coutinho (2015), ao fazer a análise de registros visuais cinéticos, como o cinema, a televisão e o vídeo, devemos relacionar a imagem analisada ao papel da sua mensagem visual dentro do gênero ou da categoria da linguagem audiovisual ao qual este registro pertence. Desta forma, nesta pesquisa, buscamos entender as mensagens visuais como produtos comunicacionais levando em consideração o percurso estabelecido pela autora: a leitura, a interpretação e a síntese/conclusão final de dois trechos do documentário *A Morte do Cinema* (2016) a partir dos modos de documentário (Nichols, 2016) e dos seguintes componentes da direção de fotografia: planos, enquadramentos e ângulos (Bordwell e Thompson, 2013), estilo de fotografia e movimentos de câmera (Carreiro, 2021).

O primeiro trecho selecionado corresponde aos 02min19s aos 03min46s do filme. No começo a câmera é estável e não há mudança em seu ângulo, apenas quem se movimenta é uma pessoa, que vemos a partir da contraluz com uma lanterna, estando o quadro em um plano americano que vai se reduzindo ao primeiro plano até esta pessoa sair da tela. No quadro seguinte a câmera continua estável e posicionada no fim de uma escada em *contra-plongée*, novamente, quem se move é apenas a pessoa, que se perde no ambiente escuro, descendo as escadas indo de um plano geral ao primeiro plano, estando visível apenas a lanterna que ilumina o local mostrando as paredes e direcionando o olhar do(a) espectador(a). Em seguida, a câmera já



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



não é mais tão estável, com movimentos de câmera na mão, e o quadro nos mostra apenas o que a lanterna ilumina utilizando planos detalhes enquanto ela circula pelo chão e pelas paredes do lugar, mostrando pedaços de concreto e objetos descartados no chão, tal como fitas VHS, até que a luz da lanterna começa a ficar trêmula e a se mexer, saindo do eixo repetidamente, remetendo a película de filme rodando na tela, e aos poucos a imagem se dissolve dando lugar a fotografias em planos gerais e médios de um cinema em ruínas.

Este trecho nos lembra o trabalho dos lanterninhas que utilizavam as lanternas para se guiar dentro dos cinemas. A partir das imagens, temos a sensação de que o acompanharemos por uma dessas inspeções, mas, percebemos que progressivamente ao invés de sermos levados(as) a uma sala de cinema intacta e/ou em funcionamento, somos levados(as) a um cinema deteriorado, abandonado.

O próximo trecho selecionado diz respeito aos 15min37s aos 18min15s. Temos uma câmera estável com um plano geral em uma sala cheia de objetos amontoados tendo no centro uma poltrona. A seguir uma porta se abre, entrando luz natural e uma pessoa desfocada de costas, até que ela chega até a poltrona e se senta, configurando o mesmo enquadramento e plano do começo. Esta pessoa coloca fones de ouvido, pega um papel, microfone e começa a comunicar uma nota de falecimento citando os nomes de vários cinemas de rua do Brasil. Depois de um tempo, a imagem vai se desfazendo até que temos um plano geral com uma mão desfocada reproduzindo o movimento de claquete que depois dá lugar a uma poltrona vazia em frente ao Cine Teatro Centenário em São Gonçalo dos Campos, na Bahia, e outros estabelecimentos que foram cinemas de rua. Aos poucos essas poltronas vão sendo ocupadas por pessoas, que entram no quadro aos poucos e se sentam e observam os estabelecimentos, também havendo uma cena em que uma delas fica em pé encenando conforme a música de *background*. Por fim, aparecem sentados em uma fileira de poltronas na rua e de frente para a câmera os



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



convidados que apareceram ao longo do documentário em um plano geral mais próximo.

Neste trecho temos um vislumbre do luto por parte da população em relação aos cinemas de rua que foram fechados. As poltronas de frente para estes locais trazem uma reflexão muito forte: se este cinema não mais existe, aonde teremos acesso aos filmes e outras atividades que este equipamento cultural nos proporcionava? Afinal de contas, a substituição não é proporcional, levando em consideração que um mercado, uma igreja ou uma ruína não vão lhe garantir o acesso e a participação cultural que um cinema de rua consegue proporcionar.

A partir da nossa análise, identificamos que o documentário se encaixa no modo reflexivo e poético a partir da sua busca por nos fazer refletir sobre o que ocorre com os cinemas de rua depois de fechados, seja o seu abandono ou a substituição por estabelecimentos comerciais, utilizando como metáfora a morte e o luto ao longo do filme. Identificamos também que *A Morte do Cinema* (2016) se encaixa no modo performático, principalmente quando pensamos em suas últimas cenas, a partir do anúncio da nota de falecimento e das pessoas em poltronas, simulando um público em uma sala de cinema na rua. Por fim, o filme documentário mostra características do modo participativo a partir da presença da voz da equipe conversando com um dos participantes sobre uma cena, e mão como claquete, com um estilo de fotografia dentro do realismo, condizendo com a iluminação dos ambientes em que as cenas foram gravadas.

Desta forma, conseguimos perceber como a mensagem de *A Morte do Cinema* (2016) é potencializada a partir das suas imagens e da sua direção de fotografia, a qual conta com técnicas e estéticas planejadas para que o(a) espectador(a) consiga sentir as emoções vindas da tristeza, da frustração e da revolta dentro do luto que vem da perda dos cinemas de rua, tão importantes para a população.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



REFERÊNCIAS

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **A arte do cinema: uma introdução**. Tradução: Roberta Gregoli. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo, SP: Editora da USP, 2013.

CARREIRO, Rodrigo. **A linguagem do cinema: uma introdução**. Recife: Ed. UFPE, 2021.

COUTINHO, Iluska. Leitura e análise da imagem. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução: Mônica Martins. 6. ed. Campinas: Papirus, 2016.

SCANSANI, Andréa C. Notas [quase] pessoais sobre cinematografia. **Imagofagia – Revista de la Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual**, n. 21, p. 212-236, 2020. Disponível em: <https://www.asaeca.org/imagofagia/index.php/imagofagia/article/view/79> Acesso em: 29 out. 2025.